

O
CARAPUCEIRO

28 DE SETEMBRO
DE 1833



O CARAPUCEIRO,

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis,
Martial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vícios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE NELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA.

O FILOZOFISMO.

Uma cousa he a Filozofia, e outra he o Filozofismo. A Filozofia he o amor da sabedoria, que nos leva a investigar as causas, e effectos, assim de objectos fizicos, como de moraes por meio da razão, mas sem orgullo, e demasiada confiança em nossas próprias forças: o Filozofismo he o amor proprio requintado, que nos faz confiar sobremaneira em nos mesmos, substituindo o juizo privado á razão universal. A primeira he o homem circunspecto, prudente, e cauteloso; o segundo torna-o arrogante, presumptoso, cabeçudo. A Filozofia, modesta e humilde para muitas vezes na investigação da natureza, e convencida de sua ignorancia, diz a cada passo

Naõ sei: o Filozofismo, sempre infatuado, tudo pesquisa, tudo quer penetrar: quando lhe falece a percepção diz atrevidamente — Naõ entendo a cousa; logo he impossivel, que exista. A Filozofia parte sempre do conhecimento do Creador para explicar, quanto cabe na curtidade humana, os phenomenos da natureza, e muitas vezes, penetrada da insufficiencia da razão humana, exclama com o Apostolo — *O' altitudo divitiarum sapientiæ, et scientiæ Dei!* O Filozofismo recorre á creatura, confia grandemente nas suas idéas, enche-se de vaidade, e chega a dizer — *Naõ há Deos;* finalmente a Filozofia forma Las Casas, Fenelons, e Vicentes de Paula, o Filozofismo gera Dantous, Eglantines, e Marats.

E como está isado deste Filozofismo

fismo o nosso Brasil! As pestíferas doutrinas ante-religiosas, e immo-
raes, que tantos horrores derramá-
rao sobre a França nos dias luctuo-
sos, em que huma infame prostitu-
ta foi endozada, e posta sobre o
throno do Deos vivo, começaõ a ge-
ralizar-se entre nós. O perversissimo
Systema da Natureza, o *Le Bon*
Sen, o despejado *Parny*, o torpe
Cuateur, etc. etc. já são procurados,
e lidos com sofreguidão por huma
grande parte da nossa inexperta, e
não escarmentada Mocidade. Até
(quem tal diria?) já se vende a quem
queira o ridiculõ, e sarcastico livri-
nho, intitulado — *Carta ao Papá* —
que se diz ser obra do apostata, e
humoral Talleyrand. As mesmas cau-
sas em idênticas circumstancias pro-
duzem infalivelmente os mesmos ef-
feitos. Essas doutrinas do Atheismo,
e Materialismo, essas doutrinas sub-
versivas da Religião, e bons costu-
mes deturpãõ, e deitãõ a perder

Revoluçãõ Franceza sob os mais lizongeiros auspícios,
volcanizãõ as cabeças dos differen-
tes demagogos, desprendêrãõ todas
as paixões, sanctificãõ os crimes
mais hediondos, e alagãõ de san-
gue o paiz mais culto da Europa: e
o que devemos esperar, que produ-
zãõ no nosso Brazil?

Pensãõ alguns, que não he dado
ser liberal sem ao mesmo passo es-
tar alistado nas bandeiras do Filo-
zofismo; que não pôde ser bom Pa-
triotista quem não despreza a Religião.
Quanto se enganãõ esses miseraveis!
Tudo isto he tão pelo ar, que a
Religião he o firme alicerce da Li-
berdade, e o Evangelho he oCodigo
mais puro, e perfeito. Liberalis-

mo; de maneira que a Liberdade,
que se não estriba na Religião he
desenvoltura, he anarquia, he de-
ordem. Se qualquer Sociedade
composta de verdadeiros seguidores
do Evangelho, ver-se-hia a
celebre Republica de Platão: e a
verdade que a Religião de um Ge-
nelon he mais que sufficiente para
felicitar ao Genero humano.

Entre tanto não falta quem se ar-
rogue o titulo de Filozofõ, quando
a os olhos da sã razão não he outra
cousa, se não hum grandissimo tol-
lo. Que lastimosa causa ver hum
rapazola, ainda nungento na vida
litteraria, que apenas tem fraquissi-
mas noções dos Estudos prelimina-
res, mui ancho, e authoritativo mo-
fando da Sancta Religião de seus
Paiz! Fulano (dizem alguns) he hum
grande homem: sabe muito; diz,
que J. C. nunca foi Deos, e homem;
porque tres idéas não lhe entrãõ na
iluminada cabeça; que a Confissãõ
Sacramental he huma zelbacaria dos
Padres, etc. etc.: he hum Filozofõ
consumado: mas eu digo, que não
he mais, do que hum vilão, a
mór parte das vezes, de policia.

Sicrano he hum moço de vastos
conhecimentos, he Filozofõ de mad-
chêa: porque? Por que sustenta, q'
não há Deos, porque paguça mui-
to, principalmente se v. *Madamas*,
e diz, que a natureza he a natureza,
e proprio a elle conhece-me-
hor, que as balanças das suas mãos,
tudo creou, fazendo d'elle por cego
arisco hum homem, quando bem
poderia formar jumento: he pro-
fundo Filozofõ; porque sabe repetir
e ouvida, que a su'alma não se oi-
tingue d'alma de hum cachorro; q'

chegada a morte, tudo, que há no homem se decompõe, e dissolve; pelo que em quanto respiramos, cuida cada hum em passar bem, em des-
 fazeres, gemer quem gemer, custe o que custar.

Outro entra na Igreja mais pintado, e desembañado, que se fizesse em hum theatro. Dá as costas a o Santissimo Sacramento, desenrola o aromatico lenço, telegrafo do seu namorico; tem os olhos cravados na pecorazinha, que o enfeitica; faz continuos biôcos, e ademanes ridiculos; não tem o menor respeito, nem ao Publico, nem aos Augustos Mysterios da Religiao Sancta; e tudo isto faz; porque he hum moço desabusado, e Filozofista. Mas para que he mudar os nomes ás cousas? Não fóra mais exacto dar-lhe a verdadeira denominação, que he *mal creado, e franchinote*? Sujeito há, que em se achando em roda de Senhoritas, assanha-se-lhe a mania filozofante. *Mette as botas na Sagra-*

*Es*criptura, *expicha completamente* a todos os Santos Padres, e Theologos; que no seu sabio conceito forão todos hums pedaços d'asno; ri ironicamente das devoções populares; arde a se não Confessar, nem ouvir Missa des de que fez a ultima nuda; e tudo isto diz, e pratica; porque he hum Filozofista chapa-do. Verdade he, que a palavra muito sobre a moral, que he o seu forte; tece grandes elogios a moral; e dando infinito valor a mheras frases, e palavras estereis, nenhum credito lhe merece o Ente Supremo, e a moral da solida moral!!! Mettem-se a decidir de tudo individuos, que ignorão as cousas mais triviaes, que

todos os dias estão vendo; querem dar a sua acanhadissima rasão huma intensidade, superior á dos sabios mais respeitaveis; tudo decidem de estalo, em tanto que hum Tacito, por ex., tão conhecedor do espirito humano, apesar de não ser alumia-do pelo brilhante farol da Revelação, soube dizer — *Sanctius est, ac reverentius de actis deorum credere, quam investigare* —: a respeito do que Deos faz mais religioso; e respeitoso he crer, do que investigar. Eis o verdadeiro Filozofista; tudo, que não he isto, he presumpção, e loucura.

Finalmente parece, que o Filozofismo entra na ordem das modas. Até há quem chame Filozofista a hum homem; porque não corta as unhas, traz a barba crescida, e suja, não cuida no seu vestuario, nem no arranjo da sua caza, etc; quando o nome proprio, e comezinho de tal sujeito deve ser sem mais franjas — *porcalhõ*. —

CASO MARAVILHOSO

Em huma noite das passadas, em que houve delicioso luar, ia hum matuto no seu cavallinho pelo pateo do Colegio, encaminhando-se para a pracinha do Livramento: ao embocar porém no bôco da Congregação, antolha-se-lhe huma fantasma preta, que para elle indreitava com passos arrebatados. O cavallo, que era hum pouco passarinheiro, refuzou espantado, entrou aos saltos, e o pobre matuto enleado d'aquella visão, e reparando, que se lhe aproximava mais soltou o par de mandíbulas, e urrou horivelmente — *Aqui d'El Rei* — ao que a scatibella da

guarda chamou ás armas, cujo Com-
mandante destacou 4 soldados, e o
Cabo a fim de irem reconhecer aquel-
la bizarma, a qual, vendo o reboli-
ço, parou no meio do adro: os sol-
dados marchavam conjecturando o q'
aquillo fosse: hum dizia, que era o
Cruzeiro da Penha, que havia res-
suscitado de capote; outro porfiava
que era Pinto Madeira, que fogido
do Ceará, vinha fazer méto cá a os
meninos. O matuto, que a esse tem-
po já tinha ido á terra com os pino-
tes do cavallinho, jurava, e teimava
de longe, que aquillo não era outra
cousa, se não a alma da defuncta
ponte dos Carvalhos, em vingança
das muitas pragas, que lhe roçou a
ultima vez, que por ella passou; e
benzendo-se, á esconjurava inces-
santemente. Chegáram os soldados,
e reconhecendo a extraordinaria fi-
gura, que pensaes vós, que era,
meus muito respeitaveis Leitores?
Era huma nympha girovaga, huma fi-
lha de Jerusalem, que passava toda
a noite com seu timão preto, o qual
estava sobre o alteroso pente, tinha
causado todo aquelle espanto. O ma-
tuto ainda agora se beizze do tama-
nho do pente, e asseverou-me ser
maior, do que huma repartideira de
engenho com cabo, e tudo.

ANNUNCIO

Tem de ser dado á luz um novo
Periodico Politico, Moral, Littera-
rio, e Noticioso intitulado A QUO-
TIDIANA FIDEDIGNA, o qual sa-
hirá todos os dias ámanhe-
cer. Elle conterá as Leis, e Decretos

mais interessantes d'Assembléa Ge-
ral, Correspondencias, que não to-
quem na vida privada; seja de quem
for, devendo estas ser assigna-
das, e reconhecidas; Ann-
Avizos particulares, Emendas, e
Sahidas d'Embarcações, e Ar-
tigos, quer Politicos, que não
deslizem do actual systema do
Brasil, quer de Litteratura, e
Moral. O preço da assignatura
mensal será de 600 reis, pagos
adiantados, como he de costu-
me. Os Senhores Assignantes re-
irão a regalia e publicar gratis
os seus annuncios; e correspon-
dencias até 50 linhas impressas;
e os que o não forem pagarão
20 réis por cada huma.

Logo, que o numero dos As-
signantes chegue para pagar as
despezas da Typografia, promet-
temos publicar os preços corren-
tes desta Praça uma vez por se-
mana; e bem assim transcri-
remos de outros Periodicos a-
quelles Artigos, cuja utilida-
de for interessante, assim como
noticias estrangeiras, etc. As as-
signaturas serão feitas unicamente
nesta Typografia, onde tão
bem se hão de receber as cor-
respondencias e annuncios.

O dia da sahida do N.º
será annunciado.

Na Typ. Fidedigna de J. N. de
Alto, R. das Flores D. 17.